

**DREADLOCKS:
A RESISTÊNCIA PELA NÃO-VIOLÊNCIA***

Maristane de Sousa Rosa Sauimbo

DOUTORAMENTO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA
UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA - FLUL

RESUMO

O presente trabalho pretende estudar a história dos dreadlocks e sua difusão contemporânea a partir do reggae e do movimento Rastafari. O penteado nos remete aos movimentos de resistência anticolonial, luta pelos direitos e desobediência civil no combate ao racismo nas Américas e Caribe. Reconhece-se a originalidade dos cabelos “rastafari” pela estratégia sócio-política da não-violência, bem como objeto inovador para estudo de história da África e da cultura diaspórica.

PALAVRAS-CHAVE: Diáspora. Movimento Rastafari. Dreadlocks. Reggae.

* *Trabalho apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – FLUL, Seminário de Investigação, curso de Doutorado em História, especialidade em História da África, Lisboa, Portugal.

DREADLOCKS¹: A RESISTÊNCIA PELA NÃO-VIOLÊNCIA

Durante a “Passagem do Meio”² por consequência do tráfico escravista, africanos trouxeram para as Américas uma forma ativa de diversas “Áfricas”. A saída forçada do continente deixando os pertences domésticos, objetos de culto, adereços estéticos, nem por isso excluiu dos corpos sentimentos, emoções, saberes e fazeres “negros”. Na sociedade *plantation* as memórias, signos e ritos praticados com a terra tiveram que ser reorganizados em outro solo cultural frente à brusca separação do solo religioso, da “*terra ancestral*”.

A sujeição do corpo diz respeito não apenas à condição de escravo, ao desgaste físico, mas revela o sentimento de dor provocado pelo literal “divórcio” com os grãos de areia, pelo rompimento do elo sagrado com a terra dos mortos, com o panteão das divindades ancestrais, em que ícones dos ritos de passagem como o cordão umbilical, sangue menstrual, o prepúcio da circuncisão, a placenta do parto, dentes, cabelos rituais ficaram depositados no território deixado para trás.

De acordo com Oriel Benites, guarani-kaiowá, do Mato Grosso do Sul, Brasil, falando do direito vital da ancestralidade disse: “... *a gente fala que a terra é nossa a partir da nossa história, a partir do significado espiritual. Cada grão de terra são feitos de carnes e ossos de nossos antepassados; não pode ser em outro lugar, não pode ser em outro Estado, nem em outro país, tem que ser esse lugar...*”³

Para africanos recém-chegados ao Brasil a separação da terra tornou comum o banzo, descrito no século XVIII. Também escravos do Sul dos EUA e da Jamaica acreditavam que após sua morte retornariam a terra natal, imaginando a mudança da condição de cativos para homens livres...⁴ São inúmeros os exemplos citados em jornais do século XIX que mencionam [...] a nostalgia da terra natal.

Para Venâncio, os relatos do passado caracterizam “...*o banzo como uma das expressões trágicas da loucura comum a milhões de pessoas vítimas do tráfico de escravos. Por outro lado, a*

1 Cabelo deixado crescer livremente, enrolado em formato de grossos ou finos pavios, moldado com o auxílio de cera de abelha para precisar a fixação. Pode-se encontrar a grafia *dread, dreads, looks ou dreadlocks*.

2 Termo em português do Brasil que designa a *middle passage*. Ver, Gilroy (2001).

3 Ver, Projeto Vídeo nas Aldeias. Guarani Kaiowá – Financiamento Coletivo.

Disponível: <<http://www.youtube.com/watch?v=ll8V59Adwas&feature=youtu.be>>. Acessado: 03/02/2014.

4 Ver, SLOANE, Hans. *A voyage to the Islands of Madera, Barbadoes, Nivies, St. Christopher and Jamaica, with the Natural History of the same*, v. I. London: N.P., 1707. p. XI.

divulgação desse sofrimento nos jornais deve ter contribuído para a formação da sensibilidade abolicionista na sociedade imperial.”⁵ De acordo com o autor, o banzo já naquela altura poderia ser entendido como uma forma de resistência e estratégica luta “pacífica” contra a escravidão, mesmo que primária e não intencional.

Não por acaso na década de 1920, em pleno século XX, para confrontar o imperialismo britânico surgiu o Movimento Rastafari⁶, com o lema “peace and love” (paz e amor). Leonard Percival Howell, considerado o primeiro líder rasta⁷, suportou longas estadias nos presídios e no hospital psiquiátrico Bellevue, de Kingstom, acusado pelo crime de sedição, desordem e violência. A repreensão governamental contra Howell estendeu-se aos demais rastas, que eram presos sob alegação de uso de drogas perigosas, mendicância e desordem (*Vagrancy Act*, 1824), cuja sentença também cabia apenamento e acusação de doenças mentais. É bem provável que a eleição pelos rastas de três símbolos para representar a Babilônia (Estado, polícia e igreja católica), tenha que ver com o contexto do *Vagrancy Act de 1824*.

As cadeias e os asilos mentais naquela época funcionavam como armas do Estado, não somente contra a figura pessoal de Howell, mas contra seus ideais e de demais afro-jamaicanos que questionavam a desigualdade política, social e econômica do país. A força policial também usada para reprimir o movimento e também proibia cultos religiosos xamânicos como o *obeah*⁸, cuja lei havia sido imposta desde o século XVIII.

O asilo Bellevue foi construído em 1865, após a rebelião de Morant Bay, com o propósito de encarcerar todos os indivíduos em conflito com a lei e aqueles que atacassem a ordem econômica e social, sem dúvida requisito legal estatal para enquadrar a classe dos negros sem-terra, analfabetos, marginalizados e integrantes de “seitas”.

A prisão de Howell foi noticiada pelo *The Daily Gleaner* de 16 de dezembro de 1933, dizendo que seu discurso na cidade de Trinityville, paróquia de Saint Thomas, promoveu: “*sedition language and blasphemous language [...] to boost the sale of pictures of King Ras Tafari of Abyssinia, [...] devilish attacks are made at these meetings on government, both local and imperial, and the whole conduct of the meeting would tend to promote an insurrection if taken seriously*”.

5VENÂNCIO, Renato Pinto. **Banzo**: a melancolia negra. 2005.

6 Organização sócio-religiosa da população pobre e negra jamaicana nas primeiras décadas do século XX, com lemas de repatriação a África, crença no Cristo negro e escolha da Etiópia como terra ancestral. O termo rastafari é uma homenagem ao imperador etíope Tafari Makonnen, coroado em 1930, quando adotou o nome Hailé Selassié.

7 O termo rastafari e/ou rasta (singular), rastas (plural), advém de “Ras” que significa príncipe, na língua amárico.

8 Culto de matriz africana na Jamaica que prevê transe e incorporação de entidades ancestrais.

A metodologia “cortez” (peace and love) de Howell, distoava da acusação de violência ditada pelo tribunal, como demonstra o veredito da sentença publicada na edição de 17 de março de 1934 do *Daily Gleaner*:

“Howell, you have been convicted by the jury of uttering seditious language: that is, such language as is calculated to cause disturbance and violence among ignorant people of this country [...] I considerer you to be a fraud [...] but that unfortunately has no effect, because people take you for what you say you are”. Concluding, the Chief Justice told Howell he would be imprisoned for two years. Howell (Bowing), “I thank you”.

O ineditismo conferido ao movimento estava no enfrentamento “cordial” ao governo, mas sobremaneira na reivindicação das origens africanas, da identificação com o continente em aspectos históricos e culturais, justamente no auge da ideologia da branquitude propaganda pelo cinema mudo na figura dos personagens Rhett Butler (Clark Gable) e Scarlett O’hara (Vivien Leigh), por exemplo, no filme “*E o vento levou*” (1936).

Também original foi o discurso político rastafari de rememorar a África com nostalgia e contra atacar a instituição da escravidão Atlântica, exemplificado em dezenas de canções de reggae como “*Rivers of babylon*”, do grupo *The Melodians* (1962), tipicamente de inspiração *rasta*, que exportou o sucesso em ritmo de “discoteca” para além das fronteiras jamaicanas. A letra baseou-se no salmo 19 e 137, de idéias panafricanistas de livre leitura bíblica mencionando o “*choro no cativo, saudade de regresso a terra mãe e o desejo de tudo voltar a ser como antes*”.

De acordo com seus compositores Brent Dowe e Trevor McNaughton, a canção foi proibida pelo governo jamaicano porquê haviam evidentes referências subversivas Rastafari. A censura foi suspensa após o governo ser convencido de que a letra surgiu da Bíblia, dos Salmos cantados por cristãos desde tempos imemoriais.

O caráter político do movimento envolto pelas escrituras bíblicas agregou a si a estética dreadlocks, formando um conjunto potente de resistência o política colonial da Inglaterra, denotando uma estratégia no mínimo “sofisticada”, para época, contra o racismo moderno. Para além é uma ferramenta histórica para o estudo de história da África e da cultura diaspórica

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Carlos. **O eterno verão do reggae**. São Paulo: Ed. 34, 1997. (Col. Ouvido Musical).

BOB MARLEY Spiritual Journey. DVD. 2009. 60 min.

CAMPBELL, Horace. **Rasta and resistance from Marcus Garvey to Walter Rodney**. London: Hansib, 2007.

CHEVANNES, Barry. **Rastafari roots and ideology**. New York: Syracuse University, 1994.

DIOP, C. A. **African Origins of Civilization - Myth or Reality**. Chicago: Lawrence Hill Books, 1974.

FERRERI, Sérgio. **Ao som dos tambores. Herança dos escravos, o tambor-de-crioula resistiu aos preconceitos e continua agitando São Luís e o interior do Maranhão**. *Revista de História*. Jan. 2009.

GANDHI, M. K. **My Non-Violence**. In: Compilação Sailesh K. Bandopadhaya. India: Jitendra T Desai Navajivan Publishing House. [1960?]. p. 79. Disponível: < http://www.mkgandhi.org/ebks/my_nonviolence.pdf>. Data: 08/03/2014.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo**. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 11, n. 4, São Paulo, dez. 2008.

RABELO, Danilo. **Rastafari: identidade e hibridismo cultural na Jamaica, 1930-1981**. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SMITH, M. G; AUGIER, Roy; NETTLEFORD, Rex. **The Rastafari movement in Kingston, Jamaica – 1960**. 7. ed. Kingston: Department of Extra-Mural Studies University of the West Indies, Mona, Jamaica, 1988.

VENÂNCIO, Renato Pinto. **Banzo: a melancolia negra**. 2005.